

A Cidade Padrão

Brasília

Luís Carlos de PORTILHO

Quando Lúcio Costa, em sua recente carta ao presidente do 1º. Seminário dos Problemas de Brasília, pediu que deixassem Brasília crescer tal como fôra concebida, seu propósito não se limitou, apenas, ao desejo de ver preservado o seu plano original, mas ampliou-se à sugestão de implantar-se, no País, uma autêntica cidade-padrão, uma cidade que possa constituir-se em modelo de vida mais humana, atestada por uma população mesclada por brasileiros de todos os Estados, da qual grande parte trabalhara na sua construção. Um cidade "derramada, serena, bela e única", como a imaginara o seu projetista.

Derramada - porque, ao contrário das cidades tradicionais brasileiras, aqui os prédios das superquadras, pelo menos eles, não devem reproduzir as "cabeças-de-porco" nem os "cortiços" do Rio ou de São Paulo; construídos, planejadamente, os blocos, distantes uns dos outros, adotaram um gabarito, máximo, de seis pavimentos, reservado às crianças espaço amplo para o seu recreio ao sol, ou, em dias chuvosos, na área aberta dos pilotis. O que, em outras cidades poderia representar doze ou mais pavimentos, aqui se derrama em outros blocos de seis pisos apenas. **Derramada** - porque o convencional plano-piloto deverá estar, nitidamente, destacado dos bairros ou cidades-satélites, interpondo-se entre aquele e estes, ou mesmo entre uns e outros, uma constante e prolongada área-verde representada por extensos gramados ou bosques artificiais, cuja formação ele - o Planejador - tanto tem reclamado e, agora, cobrou, pessoalmente, com insistência e consternação, nas duas vezes em que se pronunciou ante o 1º. Seminário dos Problemas de Brasília. Preocupa o Planejador o meio-ambiente, a oxigenação

do ar, a vida dos moradores de Brasília sem o veneno das poluições.

Serena - porque sem os dramas que tanto afligem as populações das cidades em geral, o barulho aqui deverá ser reduzido ao mínimo, posto que automóveis, ônibus e caminhões não precisarão usar suas buzinas enquanto o tráfego puder escoar-se pelos amplos logradouros urbanos, submetidos estes a um mínimo de cruzamentos; **serena**, ainda, porque, num ambiente assim sossegado, a população pode trabalhar e produzir com tranquilidade, ditando progresso ao Brasil inteiro através das tarefas oficiais, desenvolvidas sem a pressão dos estampidos e dos escândalos. Brasília, na grande crise política de agosto de 1961, provou que a mudança da Capital pudera evitar ao País um abalo maior, talvez uma guerra civil. O caso político fôra solucionado sem as inevitáveis agitações tão comuns quando a Capital se situava no Rio de Janeiro.

Bela - porque traçada com todo o cuidado, obedecendo a uma harmonia de linhas e projeções, já tendo ganho uma parte, ínfima embora, do verde que a complementar e a vestirá para o encanto dos olhares peregrinos, Brasília somente verá crescer a fama de que já desfruta, no País e no exterior, como das cidades lindas e dignas da visita turística e da exaltação em cartões postais, "slides" ou "flashes" cinematográficos. Falta-lhe, ainda, um grande Bosque Recreativo, de altas e copadas árvores, povoado de aves canoras. **Bela** - porque deve ser assim uma cidade onde sua população vive feliz, alegre, confiante, saudável.

Única - porque, conquanto sonhada há mais de cem anos, o seu plano somente se cristalizaria após as duas experiências urbanísticas de Belo Ho-

rizonte e Goiânia. Tentou, Brasília, corrigir os erros cometidos nas duas Capitais es-taduais, e se não conseguiu fazê-lo ainda, isto se há de fazer, de um lado, à circunstância de estar em paulatina conclusão e, de outro lado, porque alguns oleijões lhe desfiguraram o traçado original, ou, talvez, porque, olímpicos e superiores, os setores que cuidam da cidade não gostam de sugestões. Quem quiser projetar outras cidades para, nelas, dar largas ao seu espírito criador, inventivo, pode, querendo, seguir o conselho do Planejador de Brasília: "O Brasil é muito grande; não faltará aos novos arquitetos e urbanistas oportunidades de criar novas cidades".

Antes de ser lida a carta do Planejador, quase que pressentindo o conselho, redigimos uma sugestão, apresentada à Mesa do 1º. Seminário, no sentido de **humanizar-se** o des-sabitado **trecho** da rodovia mais importante que liga a cidade ao litoral - a BR-040 - com o **planejamento e paulatina construção de, pelo menos, três cidades que se interponham entre a Capital e Paracatu, entre esta e João Pinheiro e, por fim, a terceira, antes de Três Marias. É necessário humanizar-se a rodovia, criando-se, às suas margens, núcleos populacionais dotados de elementares serviços de assistência aos que trafegam pela extensa rodovia. Pois, no passado, as ferrovias não construíam as suas estações? Estas foram ponto-de-partida de futuras e riosas cidades, como ocorreu às margens das impecáveis estradas-de-ferro do Estado de São Paulo. Espaço e oportunidade não faltam, portanto, para que urbanistas e arquitetos expandam, pelas margens da BR-040 e outras rodovias de acesso à Capital, o exercício de sua justa inquietação criadora. Brasília servir-lhes-á de padrão.**

29 AGO 1974 - REIO BRAZILIENSE